

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS PARA ALÉM DO MERCADO: o que pensam os docentes de uma associação profissionalizante

THE PROFESSIONAL TRAINING OF YOUNG PEOPLE BEYOND THE MARKET: what do teachers of a professional association think

Rodrigo dos Santos França¹, Áurea Regina Guimarães Tomasi¹

Resumo

Este artigo analisa as percepções de alguns docentes da Associação Profissionalizante do Menor (ASSPROM) em relação à formação de jovens em situação de vulnerabilidade social. Propôs-se uma análise da percepção docente relativa à formação oferecida para inserção no mercado de trabalho, tendo em vista uma contribuição técnica na área de educação voltada para o desenvolvimento local e não restrita somente à educação e ao mercado de trabalho, com características de inovação social. A fundamentação teórica foi baseada em autores que discorrem sobre as temáticas da juventude, do trabalho, da educação profissional para jovens e da inovação social. A metodologia adotada foi a qualitativa, com finalidade exploratória. Como procedimento de coleta de dados adotou-se a entrevista semiestruturada, que foi transcrita e submetida à análise de conteúdo temático. Os resultados demonstraram que os docentes encontram diversos desafios e obstáculos, mas também possibilidades. Dessa forma, a pesquisa evidenciou a necessidade de modelos de educação profissionais mais flexíveis, uma vez que estes têm mais condições de propor mudanças quando comparados a formatos rígidos na educação e no mundo do trabalho. Os docentes precisam desenvolver e fornecer ferramentas para que os jovens integrem processos inovadores e adaptem seu modo de agir em um futuro repleto de desafios.

Palavras-chave: Docentes. Educação profissional. Percepção. Inovação social.

Abstract

This article analyzes the perceptions of the academic staff at the Vocational Training Association of the Minor, (ASSPROM) concerning the training of young people in situation of social vulnerability. It proposes an analysis of the perception of teachers on the training offered for insertion in the labour market, with a view to a technical contribution in the area of education for local development and not restricted to education and labour market only but also with characteristics of social innovation. The theoretical foundation is based on authors that discuss themes like youth, labour, vocational education for young people and social innovation. The methodology adopted was the qualitative with exploratory purpose. As to data collection, semi-structured interview was used, which was transcribed and submitted to analysis of thematic content. Results show that teachers face a number of challenges and obstacles, but also opportunities. Therefore, the research makes clear the need for more flexible models of vocational education, since these are better able to propose changes when compared to formats that are strict in education and in the world of work. Teachers need to develop and provide the tools for young people to integrate innovative processes and adapt their way of acting to a future full of challenges.

Keywords: Teachers. Professional education. Perception. Social innovation.

¹ Centro Universitário UNA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2783-3953>

E-mail: rodrigo.asocial@ig.com.br

INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultado do interesse em investigar e compreender a percepção de docentes na prática pedagógica e os meios de formação de jovens em uma Organização Não Governamental (ONG) do Terceiro Setor de Belo Horizonte, em um programa voltado para a aprendizagem profissional de jovens em situação de vulnerabilidade social nos anos de 2017 e 2018.

Conhecer e problematizar a percepção dos docentes nas dimensões da relação teoria-prática, os processos de aprendizado de jovens, os saberes construídos e as perspectivas e formação profissional tem o objetivo de identificar os desafios do cotidiano do ensino comprometido com a formação pedagógica e profissional de qualidade, para o jovem obter o melhor delas para ser uma vantagem no mundo do trabalho. Saviani (1999) ensina que a história da educação brasileira, inclusive a profissional, é marcada pela disputa entre dois projetos: o pragmático, que busca subordinar a educação aos interesses imediatos da realidade dada, e o de uma pedagogia da práxis, que se orienta para um tipo de formação comprometida com a construção de um futuro mais justo e que busca um modelo de formação que favoreça os processos de qualificação dos jovens.

Entre tantas indagações, elegeu-se como ponto de partida para a investigação deste projeto de pesquisa a seguinte questão: quais percepções, sentidos e interpretações têm os docentes de uma organização social em relação à criação, ao desenvolvimento e à consolidação de práticas de ensino-aprendizagem que possam efetivamente promover a formação qualificada de jovens em situação de vulnerabilidade social, que visem ao desenvolvimento local e não se restrinjam à formação para o mercado de trabalho?

Espera-se que este artigo possa veicular a percepção a novas ideias, que melhore e contribua, de alguma forma, em conhecimentos que possam qualificar e aprimorar o trabalho do docente na formação dos jovens.

Como objetivo da discussão, buscou-se, assim, identificar por meio do docente - que é um manancial de conhecimentos - as práticas pedagógicas em

sala de aula e associá-las à compreensão de sua potencialidade profissional e de desenvolvimento dos jovens.

A PERCEPÇÃO DOCENTE: ENTRE A JUVENTUDE E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

As transformações aceleradas da vida contemporânea e a crescente complexidade social vêm trazendo dificuldades na inserção social e profissional de grande parcela da população e, em especial, atingem de forma dramática os jovens das camadas populares.

É fundamental considerar o processo de educação profissional dos jovens diante de fatores de ordens diferentes: a instantaneidade temporal provocada pela velocidade tecnológica, que acarreta certa superficialidade na aquisição de conhecimentos; a cultura do consumo, geradora de múltiplas necessidades rapidamente descartáveis; a educação, com seus problemas e desafios; o quadro econômico recessivo, que amplia a exclusão social; os atuais programas de qualificação e inserção profissional, que não promovem o diálogo das competências com a gestão do conhecimento; as barreiras para ingressar em um primeiro emprego e nele permanecer.

A educação profissional é o *locus* visível do trabalho, seja no seu sentido técnico e tecnológico, seja no sentido político como movimento que oscila nessas duas direções. Quer a educação pelo trabalho na sua negatividade, enquanto submissão e expropriação do trabalho, baixos salários, baixas condições de trabalho, como também na sua positividade, enquanto um espaço de conhecimento, de luta e de transformação dessas mesmas condições estabelecidas ao sujeito (CIAVATTA, 2014a, p. 51).

Cabe considerar, ainda, que o sistema nacional de emprego e a regulação social do trabalho no Brasil não se mostram em condições ideais/reais de oferecer oportunidades que valorizem o capital humano e social, que integra um processo mundial de reorganização do modo capitalista; a oferta de educação profissional que não transcende a função do ensino quando este é visto apenas como alavanca para a entrada no mercado de trabalho; a maior propensão dos jovens em aceitar condições precárias de empre-

go; questões estruturais, culturais e históricas vinculadas ao modelo de desenvolvimento econômico e social do país, levando à individualização do jovem e ao desinteresse na participação social na esfera pública e política.

Impõe-se, portanto, a necessidade de melhor situar as condições de vida e trabalho dos jovens, como esclarece Frigotto ao tratar da questão juventude, trabalho e educação:

Essa complexidade e essa controvérsia têm início com a dificuldade de se ter um conceito unívoco de juventude, por razões tanto históricas quanto sociais e culturais. [...] Mais adequado seria, talvez, falar, como vários autores indicam, em juventudes, especialmente se tomarmos um recorte de classe social (FRIGOTTO, 2004, p.180).

A primeira dificuldade que os jovens encontram é que, por definição, não têm alguma experiência de trabalho. E, na fila dos desempregados, sempre haverá, na atual situação do país, uma ou mais pessoas que tenham experiência em atuar no serviço para o qual há vagas. Ao contrário do que poderia parecer à primeira vista, fica mais fácil uma pessoa mais velha conseguir um emprego depois de ter perdido outro do que uma pessoa mais nova conseguir um emprego pela primeira vez.

Um dos conselhos que são dados aos candidatos ao primeiro emprego é que procurem aperfeiçoar ao máximo a sua formação, assim o trabalho pode desempenhar o princípio educativo na vida dos jovens. Se estiverem no curso secundário, devem procurar formar-se num dos numerosos cursos profissionalizantes oferecidos por entidades do comércio, terceiro setor, indústria e por ramos específicos, como órgãos da administração pública, edificações, informática e serviços.

[...] É importante entender os fatores que aumentam as chances de ingresso e de sucesso dos jovens no mercado de trabalho. Inicialmente, destaca-se o grau de regulação do mercado de trabalho e os custos de contratar e demitir. O excesso de regulação tende a afetar negativamente o emprego entre os jovens, por se tratar de um segmento em que o empregador dis-

põe de menos informações, sendo maior o risco. Na mesma linha, os jovens tendem a sofrer mais com crises econômicas e com outras dificuldades, dado que sofrem competição de indivíduos com maior experiência (GUIMARÃES; ALMEIDA, 2015, p. 3).

Outra característica da relação dos jovens com o trabalho, a partir da realidade brasileira, é que o Brasil não estruturou uma rede de proteção social que possibilite um período de formação e preparação anterior ao trabalho para todos. Para muitos jovens das camadas populares, as primeiras experiências de trabalho já ocorrem na fase de criança, como, por exemplo, ajudar nas atividades domésticas ou fazer “bicos”, o subemprego. No meio rural, o trabalho para o jovem também aparece desde cedo em alguns casos, como no cultivo, plantio e na colheita de outros agricultores ou no auxílio aos pais em suas atividades diárias.

E essa situação se agrava, pois:

Os custos sociais da crise contemporânea têm recaído de forma avassaladora sobre a classe trabalhadora, diante do crescente desemprego, precarização das relações de trabalho, cortes e privatização dos serviços sociais públicos, violência, miserabilidade, repressão e criminalização dos movimentos sociais e populares (GUILALDELLI, 2014, p. 103).

Nos dias atuais, final da segunda década do século XXI, o desemprego em alta, a falta de experiência e o subemprego fazem com que os jovens sejam os que mais sofrem com o reduzido número de vagas no mercado de trabalho brasileiro. Tal fenômeno significa empregar alguém num posto de trabalho inferior às suas potencialidades, mas que atenderia às suas necessidades de vida. O subemprego pode advir de diversos fatores, embora possa ser considerado como um fenômeno instalado na sociedade quando o mercado de trabalho apresenta lacunas legais e as condições de emprego são débeis, principalmente para a juventude. Os jovens trabalhadores não conseguem atender às vagas dos postos de trabalho que deveriam ocupar, de acordo com a sua formação, experiência e desejo profissional, e acabam por aceitar trabalhar em outros cargos disponíveis, porém com

menos status e menor remuneração, como destaca-se por Guiraldelli (2014, p. 102) no qual:

[...] se verifica é a redução de empregos estáveis e protegidos, o que não significa o “fim do trabalho” nem o “fim da história”, com a flexibilização dos contratos de trabalho, provocando a redução dos direitos, a precarização, as ocupações intermitentes e a redução parcial das horas trabalhadas.

A formação profissional especializada em alguns casos pode suprir a falta de experiência de trabalho, reforçando a situação do jovem no caso de ele procurar emprego numa área para a qual está especificamente qualificado. Se, porém, os candidatos ao primeiro emprego possuem condições econômicas e sociais mais favorecidas e estão fazendo curso superior, o ideal é que busquem formar-se como mestres e como doutores e que aperfeiçoem os seus conhecimentos de línguas estrangeiras, aumentando a qualidade de sua formação – quanto mais títulos acumularem, maiores serão suas chances de trabalho – principalmente nas maiores e melhores empresas, mais exigentes em matéria de qualificação. Conforme Abrucio (2016), um dos pontos nevrálgicos tem a ver com o capital humano e se traduz na criação de uma sólida carreira de magistério, com professores bem formados e profissionalizados, com o propósito de criar condições para a inclusão social dos jovens na sociedade para a conquista da cidadania.

A percepção dos docentes no espaço de formação profissional de uma organização não governamental (ONG) de qualificação de jovens em situação de vulnerabilidade social para o mundo do trabalho tem a potencialidade ou a possibilidade de promover alguma mudança de paradigmas profissionais e educacionais na vida desses jovens, tornando-os úteis para o mercado de trabalho. Conforme Jessé Souza (2015, p. 167), “se o jovem não incorpora conhecimento útil, não é gente para o capitalismo”. E continua: “o capitalismo só explora racionalmente o trabalhador que tem conhecimento incorporado, essa é a forma de exploração no capitalismo, o conhecimento” (p. 201).

Neste artigo a discussão será analisada sob a ótica da educação profissional oferecida pelo programa

de aprendizagem da Associação Profissionalizante do Menor de Belo Horizonte, uma ONG do terceiro setor que constitui um espaço próprio e distinto de competências profissionais e promoção de um ambiente de aprendizagem no Brasil. Dessa forma: “o poder público atua por meio do fomento e da garantia de recursos e incentivos fiscais para que a sociedade civil assumira a responsabilidade parceira na solução dos problemas sociais” (AMARAL; MELLO, 2014, p. 36)

Dessa forma, acredita-se que a formação docente para essa modalidade de ensino deve relacionar, entre outros fatores, o domínio dos conteúdos específicos de cada área do conhecimento e atuação profissional; a capacidade de compreendê-los e de ensiná-los aos outros de forma que a aprendizagem, gerando valores para as partes interessadas, seja possível e ocorra efetivamente, preparando o aluno para o saber, saber fazer e saber ser, criando espaços de significados para a educação profissional. Acredita-se, ainda, que os saberes da docência correspondem ao conjunto de conhecimentos, habilidades, competências e percepções que compõem a capacitação do sujeito para a atividade profissional da docência (XAVIER, 2014).

A educação profissional é um direito do cidadão. Para garantir esse direito, é necessário aprofundar os estudos sobre a formação em sala de aula, as lacunas de aprendizagem e as práticas pedagógicas enfrentadas pelos docentes, pois é necessário romper barreiras, conceitos, paradigmas; é necessário transcender a postura tradicional e ser interdisciplinar. Segundo Charlot (2013) o trabalho docente está impregnado de intencionalidade, pois visa à formação humana por meio de conteúdos e habilidades de pensamento e ação, implicando escolhas, valores, compromissos éticos.

Ao abordar a postura tradicional, com base no conceito de interdisciplinaridade considera-se um novo tipo de educador, mais flexível e mediador na construção do conhecimento para que os educandos se apropriem do conhecimento a partir da ação, reflexão, ação, diálogo com os entraves que explicitem a complexidade dos percursos formativos. Para Carbone (2002), é necessário um novo tipo de educador que aprimore seus saberes. O autor destaca que a

“formação contínua realiza-se em dois planos complementares: o individual, com a aquisição contínua de um saber sólido e atualizado, e o coletivo, com o intercâmbio de ideias, experiências e o trabalho cooperativo” (CARBONEL, 2002, p. 111).

O docente pode ajudar o jovem a se desenvolver, uma vez que este necessita de um conjunto de elementos para a constituição de um ser sociável. São várias as formações que se fazem necessárias para a transformação de um ser, entre elas a educação profissional e a educação escolar, que abrangem características essenciais para a convivência em sociedade, como mostra Bulaty (2014, p. 68) ao compreender o sujeito professor como construtor de seus saberes, “construído de maneira individual e coletiva no dia a dia, nas relações interativas”.

CAMINHOS METODOLÓGICOS: A PESQUISA DE CAMPO

O objeto deste estudo se constitui na percepção dos docentes a respeito do processo de formação e inserção de jovens em situação de vulnerabilidade social no mercado de trabalho. E a questão que orientou a pesquisa foi: que percepção, sentidos e interpretações têm os docentes de uma organização social em relação à criação, desenvolvimento e consolidação de práticas de ensino-aprendizagem que possam efetivamente promover a formação qualificada de jovens que visem ao desenvolvimento local?

O objetivo principal da pesquisa foi analisar a percepção de docentes da Associação Profissionalizante do Menor (ASSPROM) na formação de jovens em situação de vulnerabilidade social. Pertencente ao terceiro setor, para Paes (2017, p. 111), “é o conjunto de Organizações da Sociedade Civil (OSC), sem fins lucrativos, com autonomia e administração própria. Suas atividades são não governamentais ONG e realizadas em prol da coletividade”. A partir da educação profissional a ONG oportuniza a inserção de jovens no mercado de trabalho por meio do programa de aprendizagem, reduzindo, assim, a vulnerabilidade juvenil e a melhoria do desempenho escolar.

A seleção da amostra da ASSPROM aconteceu da seguinte forma: o universo-alvo da pesquisa foi cons-

tituído pelos docentes de nível superior pertencentes ao quadro permanente de pessoal docente da ASSPROM, isto é, funcionários efetivos com a função de docência na formação de adolescentes e jovens aprendizes.

Os docentes que participaram da pesquisa foram selecionados de acordo com alguns critérios: interesse em participar do estudo; a formação em nível superior nas áreas de humanas, exatas e tecnologia, a fim de abranger as diferentes áreas do conhecimento; dentro da ASSPROM. A amostra foi composta de 10 docentes, sendo três na área de exatas, três na área de tecnologia e quatro na área de humanas, totalizando, portanto, 10 entrevistas. Os docentes entrevistados foram identificados com a letra E acrescentada de um número, sendo registrados como E1 até E10.

Para a organização e a análise dos dados das entrevistas foi utilizada a análise de conteúdo por tema, correspondentes àqueles presentes no roteiro da entrevista e, em seguida, a categorização das respostas dadas pelos docentes, classificando os elementos constitutivos do conjunto de respostas por diferenciação e o reagrupamento das respostas, mediante sua similaridade (BARDIN, 2014).

O PERFIL E MOTIVAÇÃO PARA A DOCÊNCIA

Quanto ao gênero, as mulheres constituem a maioria dos docentes. E a maioria dos docentes encontra-se na faixa etária acima de 30 anos de idade, com exceção de dois deles. A respeito da experiência profissional, três docentes consideraram possuir experiência moderada com até cinco anos de sala de aula e os demais consideraram-se experientes entre cinco e 15 anos de exercício na docência. No tocante à raça/etnia, quatro docentes se consideraram negros e os demais se autodeclararam pardos.

Ao analisar a graduação e formação dos docentes, foi possível verificar que três têm bacharelado em Psicologia e dois licenciatura em Pedagogia, com pós-graduação. Na área de conhecimento das Ciências Exatas percebeu-se que dois docentes têm licenciatura em Matemática. Na área da Ciência da Computação, são três docentes com bacharelado.

As primeiras perguntas buscaram considerar as características da atividade docente e identificar o perfil, a formação dos docentes, bem como o tempo de experiência e a motivação para educar jovens em situação de vulnerabilidade social em uma entidade do terceiro setor de Belo Horizonte.

Com base nos relatos dos entrevistados, o perfil tem a caracterização de todos os docentes em relação à afinidade com a área social, a responsabilidade e o impacto na sociedade. Os docentes retratam a opção de estarem trabalhando em uma ONG de formação de jovens aprendizes, como relatos a seguir:

[...] sabia do histórico dos adolescentes na entidade e tinha muita vontade para trabalhar em uma entidade do 3 setor (E2).

[...] Estudei para trabalhar justamente com o jovem carente, está em sala de aula com este aluno, a possibilidade de mudar seu caminho ainda que com dificuldade seja importante para meu fazer (E9)

[...] posso dominar uma área de interesse social e lecionar de forma crítica as questões desiguais, saber se comunicar, gostar de aprender, acreditar no poder transformador da educação, querer participar da formação destes jovens me faz estar aqui (E10).

Pode-se deduzir que o docente que leciona na ASSPROM está comprometido com o processo de formação profissional dos jovens. Nesse sentido, buscou-se delinear o perfil do docente que deve estar empenhado em práticas que oportunizem vivências de cidadania, criatividade, ética e inovação.

[...] área pedagógica é preciso desenvolver o autoconhecimento, a persuasão eficaz, a inteligência emocional, a escuta na essência, as novas tecnologias estão criando espaços novos para o trabalho [...] E2.

O docente precisa também estar preparado para os novos e crescentes desafios desta geração que nunca esteve tão em contato com novas tecnologias e fontes de acesso ao conhecimento (E3).

As informações sobre a escolha da área social para lecionar confirmaram o interesse e objetivo do docente em trabalhar para os jovens.

[...] penso ser necessário que a formação do psicólogo seja baseada em evidências de pesquisas científicas, que promova a junção da teoria e prática. Tais aspectos, desenvolvidos em um raciocínio crítico (E7).

[...] muitas vezes, entre duas possibilidades: adotar uma gestão mais aberta de minhas aulas, profissionalizada, que faça utilização exponencial de recursos tecnológicos e se abra a novos projetos privilegiando os jovens com tudo aquilo que aprendi. A educação profissional é o melhor lugar para tentar mudar a vida dos jovens (E8).

Outro aspecto relevante é que todos os docentes demonstraram interesse em se envolver mais com a educação profissional, desenvolver habilidades e competências para melhorar seus conhecimentos e, por conseguinte, a condição social do jovem, bem como ajudá-los a terem mais conquistas.

Leio e busco me qualificar nas tecnologias sociais, que se constituem em saberes e temas que interessem os jovens é um conjunto de atividades que podemos tratar na sala chamar a atenção de técnicas transformadoras, produtos ou metodologias inovadoras (E5).

Um jovem com uma nova postura educacional pode fazer suas escolhas, pois a educação profissional aqui pode facilitar a vida de nossos jovens, levar a compreender e ter consciência de situação social na sociedade e buscar melhora de vida, até ensinar como fazer, dou o exemplo do soro caseiro (E7).

Os docentes, durante as entrevistas, ressaltaram a opção pelo ensino na educação profissional, acreditando que seu fazer profissional pode desenvolver os jovens em sala de aula e torná-los capazes de serem cada vez mais capazes.

Talvez pela **pluralidade** da formação dos docentes, identificou-se na proposta de formação profissional uma variedade de saberes e a aquisição de conhecimentos diversos como componentes da formação dos jovens e a necessidade de se promoverem estratégias nas práticas, na didática e no trabalho dos docentes.

[...] a melhorar cada vez mais suas práticas pedagógicas em sala de aula, no caso com os adolescentes a tecnologia sempre está sendo renovada, temos que estar buscando sempre atualizar. A formação e a educação continuada são constantes de aperfeiçoamento dos saberes. [...] Uma boa construção do saber faz a diferença e agrega qualidade no ensino para os jovens (E1).

Busco as potencialidades do curso, e uma didática na antecipação de problemas para agir e favorecer o jovem, penso ser necessário fazer este trabalho além das aulas, precisamos registrar nossas ideias (E6).

Essas falas remetem a Tardif, que destaca o saber docente como um “saber plural, formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana” (2014, p. 54).

OS OBJETIVOS EDUCACIONAIS

Notou-se que os depoimentos em relação a esse tema corroboram a afirmação de que o início da docência é um período marcado por inúmeros sentimentos por vezes contraditórios, mas também de interações, como assinala, novamente, Tardif (2014, p. 118).

Ensinar é desencadear um programa de interações com um grupo de alunos, ao considerar o que são, fazem, pensam, dizem os professores nas situações de trabalho a fim de atingir determinados objetivos educativos relativos à aprendizagem de conhecimentos e a socialização.

Os trechos a seguir, retirados das transcrições das entrevistas realizadas, ilustram as respostas oferecidas pelos docentes que assinalaram a necessidade de continuidade da formação docente.

Então a educação continuada é muito necessária para os documentos, em especial para a minha área de formação. Os docentes precisam se atualizar, estamos sempre aprendendo. Assim, para a área pedagógica é preciso desenvolver o autoconhecimento, a persuasão eficaz, a inteligência emocional, a escuta na essência, a agilidade na tomada na sala de aula com e para os adolescentes/jovens (E4).

Muitas vezes os docentes estão cientes de que precisam estar constantemente atualizados e continuar estudando é uma forma de alcançar melhores resultados para nossos jovens. É, claro, ter mais cursos feitos é um caminho mais fácil para os jovens se manterem no mercado de trabalho e melhorarem de vida (E10).

O docente é fundamental para que os jovens tenham uma formação profissional bem-sucedida. Ele desempenha o papel de agente formador de conhecimento a partir de um conjunto de práticas educacionais. Percebe, então, que se atualizar ou desenvolver novas habilidades é abrir portas a novas oportunidades, novos contatos e diferentes perspectivas no âmbito profissional para além de dar nota ao aluno. É desenvolver o autoconhecimento para aprender a lidar com suas dificuldades e aprimorar suas qualidades, contribuindo para a formação dos jovens, como alerta Charlot (2013, p. 36):

[...] o professor deve encarnar essa contradição radical: sonha em transmitir saberes e formar jovens, mas vive dando notas aos alunos. De forma mais ampla, o professor trabalha emaranhado em tensões e contradições arraigadas nas contradições econômicas, sociais e culturais da sociedade contemporânea.

Foi constatado que todos os docentes que participaram da pesquisa já possuíam vivência e estão comprometidos com a formação continuada dos jovens e ainda buscam tornar os jovens que passam pela formação profissional seres capazes de refletir seus pensamentos de forma autônoma e independente. Foi identificado em algumas falas que eles têm propiciado ao educando a capacidade de adaptar-se, evoluir e atuar na sociedade. Foi assinalado ainda nas entrevistas que o educador precisa estar atento aos desafios das novas tecnologias e metodologias e utilizá-las como ferramentas de ensino no processo educativo.

[...] o conteúdo, mas estamos adequando para atender grande parte dos perfis profissionais propostos pelo setor produtivo, que apresentam características muito vinculadas à formação geral do jovem, no sentido de que ele precisa ter uma forte base humanística, científica e tecnológica (E4).

[...] pensamos em como incentivar nossos adolescentes/jovens a pensarem de forma crítica, fazemos atividades para despertar nos alunos o interesse por temas importantes para a sua formação e armazenamento, a organização e a disseminação de recursos educacionais (E5).

[...] devemos estar atentos e buscar provocar quanto ao conteúdo e análise crítica dos jovens, propostas inovadoras, observar as particularidades da idade (E6).

Outro aspecto importante a destacar é a insatisfação dos professores com a carga horária, ou seja, o tempo vivido nas salas de aula, que deve ser compartilhado na ASSPROM-BH e escola com as atividades teóricas e no local de trabalho onde acontecem as atividades práticas. Na opinião dos professores, a carga horária não é excessiva quando o jovem está na ASSPROM e na escola, quando tem a obrigação de fazer a prática. No local trabalho acontece o acúmulo de atividades teóricas e práticas, verificando-se desgaste físico e mental. Ciavatta (2014b, p. 51) menciona em seu estudo.

Que as exigências da produção capitalista influenciam o comportamento social dos jovens, tais como disciplina, exatidão, submissão física, técnica e moral, cumprimento estrito dos deveres, pontualidade, contenção corporal, afetiva. Tudo isso com o intuito de aumentar a produtividade da mão de obra, reduzir os custos da produção e obter maior lucratividade nos negócios.

No que diz respeito à construção do projeto pedagógico pelos docentes da ASSPROM, os entrevistados disseram que explicitam seus propósitos, traçam metas e objetivos comuns, vislumbrando caminhos para melhorar sua atuação. O projeto pedagógico, segundo os docentes, confere valor à entidade como uma instituição que tem personalidade própria, por refletir o pensamento do seu corpo docente em um produto que constrói metas e propósitos educativos a partir de uma perspectiva reflexiva sobre o enfrentamento da vulnerabilidade social dos jovens, a educação profissional e o mercado de trabalho. Ficou claro nas falas dos docentes que um bom projeto, aprimorando a forma como os conteúdos são desenvolvidos e como a avaliação é feita, é essencial

para melhorar a qualidade da formação profissional na ASSPROM.

O projeto pedagógico explicita o olhar que a entidade tem sobre seus educandos, mas pode garantir bons resultados se for construído e acompanhado pelos docentes. Conforme estabelecido nos arts. 429 e 430 da CLT, os programas de aprendizagem deverão manter a qualidade do processo de ensino, bem como acompanhar e avaliar os resultados.

É importante perceber que nesse enfoque torna-se necessário analisar a própria posição do docente a partir de um contexto crítico e em total sintonia com a realidade, retomando os princípios do projeto político pedagógico em diversos momentos das aulas, promovendo os jovens como sujeitos de direitos.

De maneira geral, parece estar presente a discussão do projeto pedagógico entre os docentes. Já entre o docente e os coordenadores da entidade, percebeu-se que alguns relataram a ausência da discussão com os coordenadores e um docente disse desconhecer a discussão com os coordenadores. Nessa perspectiva foram observadas opiniões diferentes em relação a esse documento.

O projeto político pedagógico, além de verificar a existência e a extensão de problemas, incluirá a possibilidade de atualização e aprimoramento, porém a coordenação planeja as revisões com uma reunião anual, é pouco e precisamos estar presente para alterar de acordo nosso trabalho em sala de aula (E6).

A gente discute com nossos colegas e às vezes em sala de aula, o plano e a atuação compartilhada, é discutida. Já o jovem grande parte está cursando uma faculdade e tem mais consciência para a discussão do projeto político-pedagógico [...] (E9).

Frequentemente se confunde projeto com plano. Certamente o plano diretor da ASSPROM-BH – como conjunto de objetivos, metas e procedimentos – faz parte do seu projeto, mas não é todo o seu projeto. É a minha visão das coisas (E10).

O TRABALHO E A ESCOLA

Sobre esse tema, tratou-se da percepção em relação ao mercado de trabalho e a escola. Os docentes

apresentaram respostas que revelam a necessidade de se articular as atividades da escola com o programa de aprendizagem. Ficou visível que os docentes convivem com a suspeição da influência da escola nas vidas dos jovens, pois a escola tem sido pouco significativa para eles. E o ensino impõe ao jovem um itinerário formativo diferente da realidade e não aborda seus projetos de futuro, não ocorrendo o compartilhamento de experiências práticas da escola e o trabalho.

A questão que se investiga é a defesa ou não da escola no papel de formação do caráter, valores, princípios morais e o trabalho no desenvolvimento do jovem por meio da capacidade de reflexão e criatividade e a utilização de sua força de trabalho como uma mercadoria. Nem todos os docentes demonstraram o mérito ou interesse pela formação ofertada pela escola ou as atitudes e valores da sociedade.

[...] a percepção deformada do processo de ensino é falsa em relação à realidade, [...] a escola forma sim alguns poucos com criatividade e outros críticos, mas em seu total, não (E1).

[...] penso que a formação é para desenvolver sim, construir a própria história. Muitos jovens vêm parar aqui sem vontade real, baseados nas necessidades de suas famílias ou na conquista de bens materiais. [...] Não devemos preocupar com o externo, já estão aqui mesmo, podemos mudar a realidade dos jovens (E6).

Não existe para os jovens que nos procuram a orientação vocacional na escola, poderia ser uma excelente forma de suporte para os jovens (E7)

Os docentes, no âmbito do trabalho, demonstraram em seus relatos que podem construir maneiras de os jovens vencerem as dificuldades.

Eu acho que nós, docentes, com foco no trabalho pedagógico em sala de aula, podemos e devemos aproveitar o máximo do potencial dos jovens, e prepará-lo. [...] as empresas aproveitam destes programas de aprendizagem para conseguir a mão de obra com algum treinamento. [...] existe a necessidade de ganhar dinheiro para ajudar na subsistência familiar [...] (E3).

Às vezes percebo que sim, a sociedade olha o jovem

como produto. [...] o mercado de trabalho sabe que o jovem está em formação, eles aproveitam desta situação [...]. Somos inspiradores em sala, tentamos animar os alunos, tentamos fazer referência, penso que faço a diferença e minha linha de comunicação é horizontal (E9).

Por meio das falas, infere-se que o modelo de formação profissional da ASSPROM propõe que o jovem adquira conhecimentos e desenvolva competências fundamentais para o ingresso no mercado de trabalho. Todavia, observa-se que os docentes acreditam que a contratação do jovem aprendiz tornou-se também uma oportunidade para o empregador contratar mão de obra barata e, assim, atender às exigências da lei e também ao mercado de trabalho.

O mercado altamente dinâmico e impulsionado pela economia do conhecimento torna-se mais árdua, na medida em que as exigências para o profissional estão cada vez maiores. Isso acontece com nossos jovens, [...] seu patrimônio é o conhecimento (E2).

Nossos jovens têm uma dependência comportamental, nossos jovens já entram no mercado de trabalho anestesiados, precisam atender às normas, atender às ideias de seu patrão, só assim tem mais chances de permanecer empregados (E3).

As empresas e até o poder público vem exigindo dos jovens competências como a polivalência, a capacidade de raciocínio e decisão e execução de operações complexas. A rede aqui precisa funcionar por meio do intercâmbio de experiências, compartilhamento de informações, cooperação para o desenvolvimento (E7).

Os docentes passam a se adaptar para superar a instabilidade do mercado de trabalho e ainda vivenciam a ampliação dos níveis de exigência das contratantes de jovens aprendizes. Entre as exigências se destaca o maior nível de escolaridade. O jovem aprendiz deve alcançar um patamar mínimo para acesso à vaga de aprendiz.

A formação escolar é uma das condições para o jovem se dá bem aí fora, quando chegam às turmas para nossas aulas, os jovens contam que quem não têm um “canudo” diploma superior ficará com a oportunidade pior de trabalho (E1).

Quando tratamos com os jovens o perfil profissional pedido nas empresas. É fato! Todos dizem que no mínimo o ensino médio e um curso profissionalizante exemplo (Excel Avançado) ajuda para apreender novos serviços. Não vaga para todos, aí vêm os processos seletivos que pedem escolaridade, mesmo mínima, mas pedem (E8).

Os programas de educação profissional se consolidam como uma área estratégica entre a educação e o trabalho na formação de jovens em nosso país. Saviani (2007) defende a relação entre o trabalho e a educação como uma relação de identidade, na qual o homem aprende a produzir sua existência no próprio ato de produção.

Outro aspecto abordado entre os entrevistados foi o trabalho do jovem considerado uma mercadoria. A maior parte dos docentes (7 dos 10) acredita que o jovem é sim uma mercadoria para o mercado de trabalho e os demais indicaram a dificuldade de percepção dessa situação, a qual é vista como uma ocupação e um cumprimento de obrigações em um determinado cargo exercido ou como simples recebimento de dinheiro em troca do trabalho, como afirmam Frigotto e Ciavatta (2003, p. 50): “no senso comum e dentro da vulgata neoliberal, hoje, trabalhadores produtivos estão profundamente permeados pela ideia de que é aquele que faz, produz mais rapidamente, tem qualidade ou é mais competente”.

As necessidades das organizações do trabalho têm como pressuposto o conceito da sociedade do conhecimento, que precisa estreitar trabalho e escola por meio de educação de qualidade. Isso pode transformar a vida desses jovens, desenvolvendo competências como forma de aquisição de novas capacidades, e favorecer a inserção e crescimento profissional no mundo do trabalho. De acordo com Marx, o trabalho é uma das dimensões da vida do homem que revela sua humanidade (1973, p. 106-107).

No entanto, o ato de produção humana é pensar a relação da formação humana e educação por meio da escola. A tarefa é permitir aos jovens a apropriação dos conhecimentos, habilidades e valores na escola para empregar no trabalho. Conforme o Estatuto da Juventude, em seu art. 9º: “o jovem tem direito

à educação profissional e tecnológica, articulada com os diferentes níveis e modalidades de educação, ao trabalho [...]”.

O mundo do trabalho vem fazendo exigências cada vez maiores, como, por exemplo: cursos técnicos, especializações, línguas, comunicação, inovações tecnológicas e a percepção. A escola deve ser o referencial para a formação humana, inclusive para nossos jovens. Na fala de Saviani (2008, p. 13).

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado, e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

SOBRE A FORMAÇÃO PRÁTICA

No que diz respeito à formação prática, os docentes opinam que a formação prática deve dar liberdade para a inclusão de conteúdos que visem à formação cidadã. As entrevistas revelam, na percepção dos docentes, a educação profissional como insuficiente em relação aos conteúdos. Eles disseram que o currículo precisa conter os conteúdos necessários ao desenvolvimento das competências exigidas pelo mercado de trabalho e precisam tratá-los em suas dimensões, como, por exemplo, a conceitual, teórica e informativa, mas também a procedimental na forma do saber fazer e na sua dimensão atitudinal de aprender a convivência e o fortalecimento de viver junto e aprender a ser.

Os conteúdos técnicos não atendem, [...] muita teoria e a prática é pouca, não temos ferramentas que acompanham as competências socioemocionais necessárias para o destaque do jovem (E1).

Aqui na ASSPROM-BH que existe um baixo rendimento escolar e na sala de aula é refletido através das matérias [...] O jovem chega com perfil ainda a desenvolver (habilidades, atitude, postura, que solucionem problemas), buscamos prepará-los para enfrentar lá fora o mercado (E9).

As respostas também evidenciam as dificuldades dos docentes em: a) diagnosticar e compreender as diferenças individuais dos jovens; b) as seleções de conteúdos e potencialidades por meio das interações educativas para os jovens; c) o processo educativo reduzido pelo saber profissional.

Temos prazo para tudo, desta forma ainda não conseguimos trabalhar as questões individuais e/ou pequenos grupos com deficiência de rendimento em assuntos ligados à teoria na educação profissional, como, por exemplo, a ética no trabalho e o Estatuto da Juventude (E1).

É preciso desenhar estratégias que ampliem as condições de desenvolvimento de competências e habilidade em pequenos grupos (E9).

O modelo atual da escola continua sendo uma barreira, pois lá ensinam as matérias tradicionais, distante da realidade do mercado de trabalho, ensinamos para os jovens que quem se adaptar melhor e mais rápido conseguirá o emprego e poderá melhorar de vida (E10).

O exposto até aqui leva a refletir a respeito da importância do docente como mediador do conhecimento. Ao analisar esses comentários é possível notar que existe um descompasso em lidar ao mesmo tempo com os ensinamentos da escola e o que é trabalhado na ASSPROM.

A busca por temas condizentes e com recursos pedagogicamente adequados para enfrentar os desafios da sociedade e atender à educação profissional deve ser objeto de estudos e reflexões constantes. Assim, os espaços de formação profissional devem privilegiar novos sentidos e significados. Tardif (2014) acredita que o uso da Pedagogia torna-se uma tecnologia em sala de aula a ser adotada pelos docentes com objetivo na obtenção de resultados, mas também de respeito aos talentos e interesses dos alunos.

Devemos ter a responsabilidade e o compromisso com as diferentes formações, aqui [...] Existem casos do nosso adolescente/jovem melhorar o desempenho na escola quando ofertamos alguma disciplina que ele

está fraco, o exemplo é o português e a leitura. [...] Existem jovens com habilidades para criar, que desenham, que criam música, podemos pensar formas de aproveitar em sua formação e gerar conhecimento (E6).

Pensar o jovem como cidadão crítico, autônomo, pensar que já existe e como fazer para sobreviver, não ser um robô, massa de empregados submissos, reflexão crítica ao mundo do trabalho. [...] Formas novas / criar força de trabalho que não vai gerar apenas dinheiro, mas conhecimento [...] (E7).

Ficou claro, durante as entrevistas, que os docentes têm autonomia para selecionar conteúdos de ensino que estejam mais adequados aos jovens.

[...] Quando há a necessidade de incluir um novo conteúdo, transmito a coordenação e faço. [...] O universo juvenil a partir da rápida absorção das novas formas de hábitos e costumes. [...] deve atender às necessidades sociais e individuais dos jovens/adolescentes, incluir um método de raciocínio lógico que não estava no planejamento (E9).

Em algumas turmas, trabalhamos conteúdos retirados da internet, ali existem informações. [...] que precisam ser lidos, analisados e interpretados, um exemplo de blog que comentava sobre o assédio no trabalho (E10).

Suas avaliações quanto à liberdade de introduzir conteúdos novos são positivas, tanto em termos de inovações quanto ao acesso da educação e cidadania e da melhoria na organização do ensino, em função da participação dos jovens tomada de decisão daquilo que será dado em sala de aula. O conjunto de informações pode sinalizar importantes veios para a formação profissional e importantes indicações a serem consideradas no momento do planejamento do projeto político-pedagógico e na implementação de novos cursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar a percepção de docentes de uma organização não governamental (ONG) de formação de jovens em situ-

ação de vulnerabilidade social, relativa à formação oferecida para inserção no mercado de trabalho, tendo em vista uma contribuição técnica na área de educação voltada para o desenvolvimento local e não restrita ao mercado de trabalho, com características de inovação social.

A percepção positiva dos docentes em relação à formação profissional ao jovem é um elemento fundamental para o processo de inclusão social e combate à vulnerabilidade social, mas para que isso ocorra e para que aconteça a inserção no mercado de trabalho é preciso valorizar a qualidade, a produtividade, a criatividade, a polivalência e a versatilidade.

Alem disso, as relações entre a ASSPROM e a escola estão distantes e ligadas por meras integrações, como, por exemplo, a baixa oferta de itinerários formativos mais diversificados para os jovens, ampliando oportunidades para atender aos objetivos educacionais e profissionais. Algumas falas nas entrevistas são relacionadas à ausência ou insuficiência da articulação entre a escola e a ASSPROM, de acordo com uma imposição das normas e regras, impossibilitando a escolha de um itinerário formativo por parte de cada jovem e enfoque na área de mais interesse, tornando o ensino mais atrativo *versus* um ensino prope-
dêutico intelectual.

Quanto ao projeto pedagógico, os docentes depuseram que existe uma construção coletiva, de uso interno na ASSPROM, com a participação de todos da equipe docente, que assume a responsabilidade de cumprir o que está proposto. Todavia, verificou-se que alguns docentes gostariam de visitar o projeto com mais frequência a fim de discutir as experiências, as ideias e ações, buscando identificar erros perceptuais.

É fundamental enfatizar que não se pretendeu, com este exercício investigativo, realizar um julgamento do trabalho de qualquer docente, e sim estimular os educadores da ASSPROM a refletirem de forma compartilhada a respeito dos processos de formação profissional e humana, buscando mais qualidade na prática de trabalho.

Observou-se, também, que existem lacunas na identificação de questões dos saberes ou bases tec-

nológicas e sistematização de propostas para solucioná-las no âmbito da ASSPROM, um projeto político-pedagógico organizado e atento às inovações, com uma formação mais humanística, científica e tecnológica e competências para tomada de decisão dos jovens e a interlocução e articulação dos docentes entre si.

Cada educador demonstrou ter uma maneira diferente do fazer pedagógico, que vai desde a capacidade de síntese, seu domínio do conteúdo e o uso de recursos tecnologias e metodologias. A experiência didática necessita de pesquisa, de maneira institucional, revelando a intencionalidade e o compromisso com a formação docente (XAVIER, 2014). *O planejamento por meio do projeto pedagógico dá liberdade ao docente, porém, entre as dificuldades observadas, o debate entre os docentes precisa ser direto e claro sobre o projeto pedagógico, integrando entre os componentes curriculares da educação profissional oferecida na ASSPROM. Saber o que esses profissionais pensam é a chave para a adaptação às mudanças no mercado de trabalho e como aproveitar melhor o potencial dos jovens e seu desenvolvimento profissional para o trabalho.*

Com base na pesquisa realizada, ficou notória a percepção dos docentes sobre a importância das competências e habilidades para ensinar jovens em situação de vulnerabilidade social e formar profissionais mais bem preparados, tanto tecnicamente quanto em relações pessoais.

Nesse sentido, é relevante pensar em futuros estudos a respeito de instrumentos, metodologias e estratégias que possam auxiliar o docente no desenvolvimento do uso de novas ferramentas tecnológicas e pedagógicas, trabalhando a inovação didática. No momento de planejar a inclusão social desse jovem, estimula-se a competência do educador, com o auxílio de novos processos de aquisição do conhecimento para ambos, a fim de promover a inclusão social destes na diversidade do mundo do trabalho de forma mais autônoma e criativa, com uma formação para a cidadania.

A integração do saber escolar com a prática da formação profissional é outro tema que merece aprofundamento, pois requer enfoque no desen-

volvimento e na organização curricular da entidade, quando se trata de vulnerabilidade social. E para isso é preciso dispor de abordagens científicas que visam ao conhecimento.

O papel do docente é possibilitar a formação desses jovens indivíduos, preparando-os para a realidade atual do país, especialmente no despertar da curiosidade, na análise crítica nas sínteses e reflexões sobre a realidade social que o cerca de forma mais ampla possível.

REFERÊNCIAS

- ABRUCIO, F. L. **Formação de professores no Brasil:** diagnóstico, agenda de políticas e estratégias para a mudança. São Paulo: Moderna, 2016. Recuperado de <http://www.moderna.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A808A8254C1CF7A-0154C4400B00099C>.
- AMARAL, O.C.S.; MELLO, E.M.R. Sustentabilidade em empreendimentos sociais: Um ensaio reflexivo para uma economia social local. **Revista Agenda Social**, Rio de Janeiro: v. 8, n. 1, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Tradução de A. Rego & A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2014 (Obra original publicada em 1977).
- BULATY, A. **Os saberes docentes no contexto da implantação da proposta curricular do município de Irati/Paraná (2009/2012).** 2014. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2014.
- CARBONELL, J. **A aventura de inovar:** a mudança na escola. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas.** São Paulo: Cortez, 2013.
- CIAVATTA, M. A historicidade das reformas da educação profissional. **Cadernos de Pesquisa em Educação - PPGE/UFES.** Vitória, ES. a. 11, v. 19, n. 39, p. 50-64, jan./jun. 2014a.
- CIAVATTA, M. Emancipação: a historicidade do conceito e a polêmica no processo real da existência humana, **Trabalho necessário**, v. 12, n. 18. Artigos do Dossiê classe: **Thompson 50 anos depois** (UFF) 2014b.
- FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. Educar o trabalhador cidadão produtivo ou o ser humano emancipado? **Trabalho, Educação & Saúde** [online], v. 1, n. 1, pp. 45-60, 2003.
- RIGOTTO, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (orgs.). **Juventude e sociedade:** trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- GUIMARÃES, A.Q.; ALMEIDA, M.E. **Os jovens e o mercado de trabalho: evolução e desafios da política de empregos no Brasil.** **Revista Temas de Administração Pública**, UNESP – Araraquara, v. 8, n. 2, 2015.
- GUIRALDELLI, R. **Trabalho, trabalhadores e questão social na sociabilidade capitalista.** **Caderno de Psicologia, Sociedade e Trabalho**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 101-115, jun. 2014.
- MARX, K. *El Capital.* México: Fondo de Cultura Económica, 1973.
- PAES, J.E.S. **Fundações e entidades de interesse social.** 9. ed., Brasília: Jurídica, 2017.
- SAVIANI, D. Filosofia da Educação: crise da modernidade e o futuro da filosofia da práxis. In: FREITAS, Marcos César de (org.). **A Reinvenção do Futuro:** Trabalho, educação, política na globalização do capitalismo. São Paulo, Cortez, 1999. pp. 167 – 185.
- _____. A Pedagogia histórico-crítica, **Revista Binacional: Brasil! Argentina**, Campinas, v. 1, n. 2, 2007.
- _____. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 10. ed. rev., Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- SOUZA, J. **A tolice da inteligência brasileira:** ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: LeYa, 2015.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- XAVIER, A.R.C. **Universidade Nova: desafios para a prática pedagógica numa perspectiva interdisciplinar.** Rio Claro: UNESP, 2014.